

---

# A CIDADE E O JORNAL: MILITÂNCIA INTEGRALISTA EM LINS NO FINAL DO SÉCULO XX

**Giovanna Marteleto do Amaral**

Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-3543-957X>

E-mail: [giovanna.amaral@acad.pucrs.br](mailto:giovanna.amaral@acad.pucrs.br)

**A CIDADE E O JORNAL: MILITÂNCIA INTEGRALISTA EM LINS NO FINAL DO SÉCULO XX****THE CITY AND THE NEWSPAPER: INTEGRALIST MILITANCY IN LINS AT THE END OF THE 20TH CENTURY****Giovanna Marteleto do Amaral****RESUMO**

O Integralismo nunca conseguiu recuperar a força que teve na década de 30, especialmente após a morte de Plínio Salgado em 1975. Mas os militantes remanescentes permaneceram ativos, tentando se reorganizar e atuar, ainda que oficialmente fora do jogo político. Nos anos 90, jornais e boletins foram publicados e enviados para vários estados e entidades. Entre eles estava um jornal publicado em Lins/SP, que conjugava a defesa da doutrina Integralista com o cotidiano da cidade. A Voz do Oeste foi o jornal integralista no final do século XX que mais se aproxima da grande imprensa, trazendo anúncios e “notícias”, ainda que contextualizadas pela perspectiva ideológica do editor. Este artigo objetiva analisar a convivência da militância integralista e do cotidiano da cidade de Lins no jornal A Voz do Oeste durante os anos 90. O jornal se apresentava ao público como estando a serviço da população em diversas situações, inclusive fiscalizando o poder público, mas também versando sobre as práticas consideradas adequadas ou não ao cotidiano da população.

**PALAVRAS-CHAVE:**

Integralismo; Cotidiano; Imprensa;

**ABSTRACT**

Integralism never recovered the power it had in the 1930s, especially after Plínio Salgado's death in 1975. But the remaining militants kept active, trying to reorganize and act, albeit officially out of the political game. In the 1990s, newspapers and newsletters were published and sent to various states and entities. Among them was a newspaper published in Lins/SP, which combined the defense of integralist doctrine with the everyday life of the city. A Voz do Oeste was the late 20th century integralist newspaper that came closest to the mainstream press, bearing ads and "news", although contextualized by the ideological perspective of the publisher. This article aims to analyze the coexistence of integralist militancy and the everyday life of the city of Lins in the newspaper A Voz do Oeste during the 1990s. The newspaper presented itself to the public as being in the service of the population in various situations, even in supervising the public power, but also in discussing the practices considered appropriate or not to the daily life of the population.

**KEY WORDS:**

Integralism; Everyday Life; Press;

Por mais reduzido e disperso que o integralismo nos anos 1990 estivesse, ainda existia atuação de locais como a Casa Plínio Salgado, o Centro Cultural Plínio Salgado e diversos jornais e boletins nas capitais e interior como *Renovação Nacional* (Rio de Janeiro/RJ), *A Voz do Oeste* (Lins/SP), *Alerta* (São Gonçalo/RJ), *A pátria* (Santos/SP), entre outros. A virada do século ainda assistiria a emergência de sites e blogs integralistas, embora efêmeros e muitas vezes sendo várias páginas vinculadas a único indivíduo.

Mas um desses jornais conseguiu por mais de dez anos, de 1990 à 2001 (ÁVILA, 2011, p. 121), conjugar a militância integralista com o microcosmo local da cidade. *A Voz do Oeste* dividia seu espaço entre textos políticos e informações locais, utilidades públicas, notícias, etc. De fato, a alta quantidade e diversidade de anúncios que ladeavam suas páginas sugere ampla e versátil circulação na cidade e arredores. Michael Schudson, ao analisar o surgimento da *Penny Press* nos Estados Unidos, afirma que os anunciantes dos jornais estão comprando o público leitor do jornal ao pagar para ter propaganda publicada, onde “até os anos 1830, os jornais forneciam um serviço para partidos políticos e comerciantes; com a imprensa *penny*, um jornal vendia um produto ao leitor em geral, e vendia o leitor ao anunciante” (SCHUDSON, 2010, p. 37). Ora, se há interesse de propaganda de diversas empresas e serviços, inclusive de grandes marcas e bancos privados como Brahma e Bradesco, a indicação mais provável é que o jornal detinha um público considerável a ser vendido para a publicidade.

Assim, o objetivo deste artigo é analisar a interação da militância integralista com o cotidiano da cidade de Lins no jornal *A Voz do Oeste* durante os anos 90. Para tal, foram analisadas as edições do periódico que encontravam-se disponíveis no Acervo Documental Ação Integralista Brasileira/Partido de Representação Popular do Espaço de Documentação e Memória Cultural da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (AIB/PRP-DELFOS-PUCRS). O acervo contém edições a partir do ano de 1992 até 2001, e para este trabalho foram selecionados os número até o final do ano 1999. Buscou-se analisar as características físicas do jornal e o conteúdo que auxiliasse na investigação sobre a inserção do jornal integralista no cotidiano do município. Foram analisados os anúncios em sua quantidade e diversidade, e a produção do jornal. Os textos que falavam diretamente aos moradores da cidade ou sobre as questões cotidianas foram priorizados, em especial os editoriais.

O Integralismo surgiu em 1932<sup>1</sup> e fechou as portas em 1937 com a implantação do Estado Novo. Foi perseguido e acenou para o chefe que partiu para o exílio em Portugal até retornar em 1946 para assumir a presidência do PRP<sup>2</sup>. O novo partido, entre integralistas e simpatizantes, já enfrentava perda de adeptos, formaram-se os Águias Brancas, mantenedores da memória integralista, e a Confederação dos Centros Culturais da Juventude - CCCJ<sup>3</sup>. O PRP teve vida mais longa que a AIB, mas o golpe de 1964 acabaria com as suas perspectivas políticas com o decreto do AI2<sup>4</sup>. A militância remanescente pôde ainda seguir o chefe na ARENA<sup>5</sup>, mas escasseavam-se os seguidores.

Mas o movimento logo sentiria seu maior revés, a morte do chefe em 1975. Sem substituto unânime, não houve unidade para manter a coesão do grupo que se dividiu em diversas disputas. Ao final do século XX, os neointegralistas mantinham reuniões e periódicos, mas não conseguiam consenso sobre formar um partido, se aliar a partidos ou ficar fora do jogo político. O Estado Integral ficava cada vez mais distante, mas eles teimavam em continuar.

O cotidiano democrático - com sua multiplicidade religiosa, ideológica, em efervescência cultural, inundando globalização pelas telas da televisão, e logo, pelas telas amareladas e convexas dos monitores dos agora antiquíssimos computadores dos anos 90 - e as mudanças na sociedade e no mundo eram vistos pelos olhos de um movimento autoritário, ainda que, cada vez mais distante de aspirar ao poder. O mundo, desde as regiões mais distantes até as mais próximas e efetivamente cotidianas e frequentes, era percebido, e nele essa percepção se tornava ação.

É pertinente lembrar o que Walter Lippmann, nesse sentido, afirma “a forma como o mundo é imaginado determina num momento particular o que os homens farão. Não

<sup>1</sup> O manifesto integralista é lançado em outubro de 1932, surgindo a Ação Integralista Brasileira (AIB), que se tornaria o maior partido de extrema-direita do anos 30. Ver mais em : TRINDADE, Hégio. **Integralismo**: o fascismo brasileiro na década de 30. São Paulo: Difusão Européia do livro; Porto Alegre: UFRGS, 1974.

<sup>2</sup> Plínio Salgado esteve exilado em Portugal de 1939 a 1946. Ao retornar assume a presidência do recém criado Partido de Representação Popular, que tenta dar seguimento ao movimento.

<sup>3</sup> “[...] destinado a formar os chamados águias-brancas, iniciativa na qual a ideologia integralista seria mantida intacta, gerando, ainda, novos militantes fiéis a Plínio Salgado e ao integralismo, [...], enquanto o PRP possibilitava a inserção política de alguns integralistas, a CCCJ seguia formando novos militantes que, além dos limites perrepietas, tinham função de salvaguardar a ideologia oriunda da AIB”. CALDEIRA NETO, Odilon. Neointegralismo e as direitas brasileiras: entre aproximações e distanciamentos. **Locus: revista de história**, Juiz de Fora, v.18, n.1, p. 147-165 2012, p. 152.

<sup>4</sup> O Ato Institucional nº 2, lançado em 27 de outubro de 1965, determinava, entre outras coisas, a extinção dos partidos políticos.

<sup>5</sup> Plínio Salgado integrou a Aliança Renovadora Nacional (ARENA), eleito Deputado Federal em 1967 e 1971.

determinará o que alcançarão. Este fato determina seus esforços, seus sentimentos, suas esperanças, não suas realizações e resultados” (LIPPMANN, 2010, p. 38). O mundo e a cidade imaginados pelo jornal foram o ponto de partida de suas ações. Podemos assim pensar cotidiano de forma ampla, em que, dentre outras instâncias, se “constituyen la cotidianidad la familia en que nacimos, la que construimos, la revista que leemos, la televisión, el cine, el teatro” (PAMPLIEGA DE QUIROGA, 2007 apud. ALBISTUR, 2015, p. 167). O jornal participava, desta forma, do cotidiano dos que buscavam seus textos religiosos, políticos ou de quem porventura adquiriu uma edição nas bancas independentemente da ideologia impregnada nos textos.

Seguindo essas interações entre os indivíduos e realidade - imaginada, imediata e rotineira - é possível encontrar em Lüdtke, ao discorrer sobre a *Alltaggeschichte*, um caminho convergente para situar-nos. “La práctica hace alusión a las formas en que los hombres se aproprian de las condiciones en las que viven, producen experiencias, utilizan modos de expresión, e interpretaciones - y las acentúan nuevamente por su parte”(LÜDTKE, 1995, p. 49). E ainda:

En el centro se encuentra mas bien la conducta diaria de los hombres: tanto los prominentes como los supuestamente anónimos son considerados como actores históricos. Se reconstruyen las formas de la práctica en las que los hombres se ‘apropiaban’ de las situaciones en las que se encontraban. (LÜDTKE, 1995, p. 50)

Mais ou menos próximas de seus intentos, as condições democráticas para os integralistas não eram as melhores. O momento democrático que se estabelecia, em que se comemorava a liberdade, eleições diretas e onde a direita se encolhia para o estado de “envergonhamento” (MADEIRA; QUADROS, 2017), não lhes daria espaço para ascensão, ainda que as características próprias à democracia lhes permitissem a tentativa.

É então ao renascer da democracia brasileira que na pequena cidade Lins-SP, em 1990, começa a circular pelas bancas o jornal *A Voz do Oeste*, sob direção de um ex-seminarista e Águia Branca. O jornal levava o nome do romance publicado por Plínio Salgado em 1934 “em que analisa o bandeirismo como a raiz do nacionalismo brasileiro” (GONÇALVES, 2009, p. 127). É importante também ter em vista a dimensão do cotidiano na cidade que será palco dessa análise, assim como Vainfas indica ao diferenciar o conceito de cotidiano de privado:

Cotidiano é conceito que diz respeito ao tempo, sobretudo ao tempo longo, seja no plano da vida material seja no plano das mentalidades ou da cultura, embora possa

ser operacionalizado na dimensão restrita de uma cidade, uma região, um segmento social, um grupo socioprofissional. (VAINFAS, 1996, p. 14)

A própria imagem que os moradores de uma cidade fazem sobre ela passa, de certa forma, pelo que é veiculado pela imprensa (MARTINS, 2016), assim como o seu dia-a-dia. A intenção do jornal, segundo a autobiografia do editor, Rufino Leví de Ávila, era difundir o ideal do Integralismo, que lamentava o estado do movimento, dividido e sem força: “hoje a dificuldade é grande, creio que pela falta de união dos grupos integralistas que atuam por vários recantos do Brasil. Certamente a difamação, a calúnia, a infâmia e a indiferença de muitos contribuíram para esfriar o entusiasmo dos verdadeiros patriotas” (ÁVILA, 2011, p. 96).

Em 1953, aos 19 anos, após falhar no vestibular para jornalismo, substituindo-o por um curso por correspondência, Rufino passa a frequentar o Grêmio Cultural Jackson de Figueiredo em São Paulo, onde conhece o Integralismo. José Baptista de Carvalho, personagem ativo do neointegralismo no final do século XX e início do XXI também frequentava o local. Rufino logo iniciaria sua militância organizando a fundação de um centro de estudos em Lins, o Grêmio Cultural Tiradentes, e um jornal de curta duração (ÁVILA, 2011, p. 40-41). Não acrescentaria aqui pormenorizar o restante da trajetória do editor, passemos ao seu retorno definitivo à cidade de Lins e fundação do jornal.

“Eram 4 páginas, em sulfite, que eram xerocadas. Depois de ano passei a imprimi-lo no Correio de Lins, já que consegui alguns anúncios, dando para cobrir as despesas” (ÁVILA, 2011, p. 97) conta Rufino sobre as dificuldades do começo. O editor creditava o crescimento do jornal às suas principais bandeiras: o cristianismo e a brasilidade. Os militantes acreditavam que esses elementos faziam parte uma essência brasileira, e que por isso a aceitação às ideias integralistas seria algo natural.

Independentemente do discurso ideológico do movimento sobre a religiosidade, o catolicismo é a religião predominante no Brasil, assim como em Lins. Rufino e sua esposa participaram de diversas atividades paroquiais, como reuniões com lideranças religiosas, festividades comunitárias e visitas domiciliares a famílias carentes. Ele afirmou que teve apoio de líderes religiosos do município no decorrer do período em que o jornal foi publicado (ÁVILA, 2011, p. 100). Esse vínculo pode ter sido chave para a prolongada duração de *A Voz do Oeste*. Note-se que, se o jornal logo passou de uma edição amadora, abordando

essencialmente religião e política, para uma impressão regular de jornal, com anunciantes suficientes para se bancar, deve ter tido fácil aceitação na cidade.

O jornal era vendido mensalmente em bancas de revistas na cidade e por assinatura mensal. Contava com representantes em outras localidades e era enviado a outros estados, o editor afirmou que chegou a ter “aproximadamente 200 assinantes” (ÁVILA, 2011, p. 98). A tiragem foi informada no jornal pela última vez no Nº 30 (A VOZ DO OESTE, 1992g) de dezembro de 1992, quando estava em 5 mil exemplares. Podemos apenas supor, pelo aumento de anúncios e investimento que aparentam na estética do jornal, que houve aumento na tiragem no transcorrer da década com uma queda no final, acompanhando a redução de anúncios, que será discutida mais adiante.

A recepção do jornal pode ser percebida pela diversidade de anúncios em todas as páginas. Diferentemente de outros jornais neointegralistas do período como Renovação Nacional, que tinha apenas anúncios profissionais dos próprios integrantes do movimento, ou o boletim Alerta, que possuía apenas anúncios de atividades do Centro Cultural Plínio Salgado ou venda de livros e materiais integralistas. É difícil tentar determinar a que público o jornal se dirigia, pela diversidade de anúncios, mas podemos arriscar que se tratava de um público variado, misto, com produtos e serviços que apelavam a jovens, adultos e idosos; homens e mulheres. Com o passar do tempo, também acompanharam as inovações tecnológicas, oferecendo serviços de informática.

O número 22 de abril de 1992 (A VOZ DO OESTE, 1992a) tinha na primeira página anúncios de revenda Natura, restaurante chinês, duas lojas de roupas e repintura automotiva. A segunda página tinha anúncios de escritório de contabilidade, loja de brinquedos e presentes, cabeleireiros, imobiliárias, materiais de construção. Na terceira página, havia um grande anúncio do Bradesco de quase ¼ de página, loja de móveis e um sebo. Na página seguinte encontram-se anúncios de serviço de cópias, loja de informática, chaveiro, restaurante, entrega de bebidas, supermercado e lancheria. A quinta página contava com anúncio de tratamento de varizes, locação de bilhar, loja de aquários e peixes ornamentais e uma funerária. A sexta e última página tinha uma seção fixa de anúncios profissionais, de médicos, dentistas e advogados da região, além de anúncio dos serviços de advocacia de outro integralista, Arcy Estrella de São Gonçalo/RJ. Outros anúncios incluíam loja de roupas infantis, peças automotivas, açougue e chopp Brahma.

Este último era uma questão contraditória no jornal, que anunciava a marca de bebida, mas também se empenhava em uma campanha contra o consumo de álcool. Uma charge retirada do Jornal Verde mostrava três esqueletos encostados em um túmulo, cada qual segurando uma placa sobre o vício correspondente, abaixo constava “estes são os atores principais da novela da morte. Não participe deste elenco. Não polua o maravilhoso ecossistema do seu corpo” (A VOZ DO OESTE, 1996b, p. 2). Na imagem, um esqueleto bebendo de uma garrafa apoiava-se nas palavras “bebedeiras deliciosas”, outro fumando um cigarro segurava a placa “gostosas tragadas”, e o último segurando uma seringa trazia os dizeres “viagens alucinantes”. A charge ilustra os vários textos do jornal que passavam uma imagem de que estes hábitos levariam a pessoa à morte, mas ainda assim o jornal não se absteve de publicar anúncios de bebidas alcoólicas. A descrição dos anúncios desta edição pode ser cansativa, mas demonstra a inserção do jornal na comunidade. Contemplava diversos aspectos da vida cotidiana dos moradores e, principalmente, era visto pelos anunciantes como modo efetivo de chegar aos leitores.

No ano seguinte (A VOZ DO OESTE, 1993b) observa-se que muitos dos anunciantes permanecem e que há um leve aumento e diversificação de anúncios que agora incluem materiais escolares, jacuzzis, fraldas, auto-escola, detetives particulares, rapé tupi, estúdio de tatuagem, etc. Nos anos seguintes a tendência continua, mas reduzem-se os anúncios das páginas centrais para se concentrar na primeira e última página que chega a ficar totalmente tomada por eles na edição 60 de novembro de 1995 (A VOZ DO OESTE, 1995b). Em 1997 (A VOZ DO OESTE, 1997b) já se nota uma redução no número de anúncios, mas mantendo a diversidade e a constância de alguns anunciantes.

O final da década aponta um declínio no investimento dos anunciantes, que gradativamente se reduziram, chegando a não haver nenhum em algumas páginas (A VOZ DO OESTE, 1999d). Se, em 1994, a edição 44 (A VOZ DO OESTE, 1994b) contava com cinquenta anúncios, quantidade que se manteve alta durante o ano seguinte, em que o número 62 (A VOZ DO OESTE, 1995c) teve quarenta e sete anúncios, os anos seguintes vão aos poucos tendo uma redução de anunciantes. Em 1997, a edição 82 (A VOZ DO OESTE, 1997c) teve trinta e quatro anúncios; no ano seguinte, o número 91 (A VOZ DO OESTE, 1998) teve apenas vinte e oito e; finalmente, em 1999, a partir da edição 103 (A VOZ DO OESTE, 1999c), o jornal teve vinte e um anúncios. Ainda que o editor afirmasse que a idade e o cansaço o impediram de continuar o projeto do jornal (ÁVILA, 2011, p. 102), talvez a

queda na propaganda tenha sido um relevante motivo para o jornal não ter sobrevivido mais tempo. Mas o importante é que apesar de ainda ter anúncios diversificados - alguns com publicação desde o início do jornal -, *A Voz do Oeste* no final dos anos 90 parece não ser mais tão atrativo para publicidade. Ou ainda, se voltarmos a ideia de Schudson, o jornal já não tinha tanto público para vender aos anunciantes.

Parte do jornal se voltava para saúde pública e serviços de utilidade. Não eram efetivamente reportagens, pois isso demandaria um trabalho jornalístico mais elaborado do que era realizado, alguns dos textos eram retirados de outras fontes, inclusive de outros jornais. Na edição 22 (*A VOZ DO OESTE*, 1992a, p. 4), uma seção nomeada “Saúde” continha dois artigos: um sobre higiene, contendo dicas e informações sobre limpeza em geral, do corpo, casa, roupas, alimentos e vestuário; outro sobre vitamina C, informando benefícios e perigos de carência. A seção fixa de plantão de farmácias informava os leitores sobre as noites em que cada farmácia estaria de plantão de madrugada. Também fixos foram os telefones de emergência (polícia, bombeiros, sta. casa, etc...) e úteis (câmara municipal, catedral, cartório, etc...).

O cigarro foi tema do artigo “Livre-se do fumo” (*A VOZ DO OESTE*, 1992e, p. 5), o alho do artigo “Alhoterapia: a cura pelo alho” (*A VOZ DO OESTE*, 1992f, p. 5), adornado pelo desenho de Da Vinci “O homem vitruviano” o álcool (*A VOZ DO OESTE*, 1993b, p. 5) foi apresentado com todos os seus malefícios, e ainda, o efeito estufa (*A VOZ DO OESTE*, 1994b, p. 3), asma (*A VOZ DO OESTE*, 1994c, p. 4), entre tantos outros diversos temas que se prestavam a informar, ou mesmo, sugerir atitudes no dia-a-dia dos leitores. Os atos privados, no interior da casa, também eram alvo do jornal, em artigo criticando a frequente aparição na TV do que consideravam violento e imoral:

Você permitiria que uma pessoa de maus costumes - um homossexual ou uma prostituta, por exemplo - frequentasse cotidianamente sua casa e passasse a ensinar a seus filhos todos os seus hábitos, modos de ser, maneiras de falar etc? Ou que fizesse diante deles atos abomináveis de sexo e violência?... E, no entanto, quando você liga um aparelho de TV e assiste a algum programa, você está colocando dentro de sua casa o que há de pior em matéria de vícios, crimes, violências e imoralidades de toda espécie, [...] Urge que todos os pais de família assumam sua responsabilidade social e exijam que a televisão seja instrumento de informação, educação e sadio entretenimento, e não escola de deformação moral e de violência em que se transformou. (*A VOZ DO OESTE*, 1993c, p. 5)

Não só havia crítica do que era considerado imoral, uma visão particular, mas que poderia muito bem ser compartilhada pelos leitores, do que causa a “degradação moral” da sociedade, havia também um chamado à ação, convocando os leitores a tomar parte e agir por

esses valores. Aqui é importante marcar o papel da carga referencial e valorativa que impregnam esses textos com uma visão própria da sociedade, e de como deveria ser. Portanto, “próprio de uma cultura flutuante cujos elementos internos também vogam é permitir que aquilo que se vê de um certo fenômeno a partir de um dado ponto de vista mude de feição conforme mudar o ponto de vista. O lugar de onde se faz a observação é fundamental” (COELHO, 2008, p. 61).

O tema ainda foi abordado em outras edições (A VOZ DO OESTE, 1992e, 1992g, 1993a, p. 6, 1993e, p.1 ) sendo recorrente a crítica à televisão sob diversos ângulos. Criticando a falta de atitude na cidade sobre o problema “falava com meus parentes, meus amigos, meus vizinhos, todos preocupados e todos igualmente sem saber como agir”, relata o recebimento de um boletim informando sobre a associação *O Amanhã de Nossos Filhos*, que justamente estaria a combater os males da TV, e conclama o leitor a juntar-se “enfim, caro leitor, minha sugestão, torne-se você também, como eu e como tantíssimos outros, um aderente dessa benemérita entidade” (A VOZ DO OESTE, 1993f, p. 3). E o resultado foi demonstrado relatando a solicitação de Emenda Constitucional pela associação na edição nº 42:

Os signatários pedem que seja encaminhada à votação em plenário uma emenda aos artigos 220 e 221 da Constituição, introduzindo cláusulas que coíbam efetivamente os atentados à moralidade pública, tão frequentes em programas de TV... “Elas representam o grito de angústia de famílias oprimidas no íntimo do lar e das consciências por m martelar contínuo de programas de TV onde sexo, vulgaridade e violência constituem verdadeiro incitamento à corrupção e ao crime” afirmou Paulo Henrique<sup>6</sup>. (A VOZ DO OESTE, 1994a, p. 1)

O jornal se colocava assim, no mais íntimo da vida privada, da alimentação à higiene corporal, o que era aconselhável ou não assistir e fazer, aspectos que dizem respeito a cada pessoa, qualquer leitor seria atingido por essas questões. Mas a atuação do jornal também versava sobre os acontecimentos da cidade, diversos eventos foram anunciados e relatados: “Cinquentenário do Salesiano foi comemorado com muita alegria e reencontro de velhos colegas, apesar da primeira turma (1942) estar bem dispersa” (A VOZ DO OESTE, 1992b, p. 4), “Domingo na Praça - Apesar do frio, continuam melhorando as ofertas no Jardim da Catedral: agora, livros à vontade, troca-trocas, etc” (A VOZ DO OESTE, 1993d, p. 6), “Lar ‘Bom Samaritano’ comunica que também está oferecendo pousada, além de refeições” (A VOZ DO OESTE, 1995a, p. 5), “Inicia neste mês de agosto, a Faculdade Aberta

<sup>6</sup> Paulo Henrique Chaves era o diretor da associação referida.

para a 3ª Idade em Lins, na FAL, com periodicidade semanal, para maiores de 45 anos” (A VOZ DO OESTE, 1997b, p. 3) , “Homenagem à ‘Mãe Linense 99’. A sra. Anna Ariano Viegas será homenageada com honroso título, em sessão solene da Câmara” (A VOZ DO OESTE, 1999a, p. 3), “Há novidade no bairro Garcia... A Casa Azul veio para resgatar as tradições artísticas linenses, veio para incentivar, promover e divulgar a revelação do homem através da arte... para que as pessoas saiam de suas casas e exercitem o ideal da convivência” (A VOZ DO OESTE, 1999b, p. 3). O jornal fez nesse ponto um movimento de tirar os moradores do interior de suas casa e seus afazeres e colocá-los num espaço de conhecimento público, fosse diretamente nas homenagens, fosse indiretamente incitando a frequência de locais e eventos públicos na cidade.

*A Voz do Oeste*, além de cobrir festividades e eventos, cobrava das autoridades solução de problemas: “Observamos que o mato está invadindo as calçadas, ... seria bom que tomassem providências” (A VOZ DO OESTE, 1996, p. 5), “A pobreza da biblioteca municipal... Hoje quem passa por lá e tem a curiosidade de entrar, sofre a maior decepção. As reformas ainda estão em andamento;... enfim, uma tristeza que envergonha qualquer morador da ‘Cidade das Escolas’”, agindo ou ao menos se colocando na posição de fiscalizador dos problemas que afetavam a população e a cidade. Esse discurso autorreferencial é uma estratégia na busca de legitimação<sup>7</sup> como o jornal capaz de falar à sociedade, “esse é, portanto, lugar de lutas pelo sentido da profissão, ou seja, local estratégico em que os atores buscam um consenso provisório sobre suas competências típicas e sua autoridade”<sup>8</sup>.

Partiremos agora justamente para essa visão marcadamente ideológica, divulgada pelo jornal. Optou-se nesta parte analisar somente os editoriais, pois resultaria um trabalho demasiado extenso para o artigo estender a análise a todo o jornal. O editorial é o espaço onde mais claramente se pode perceber as posições tomadas pelo jornal - se não por todos os integrantes da equipe, pelo menos do editor -, especialmente se tratando de um jornal declaradamente vinculado a um grupo político, neste caso, o Integralismo. Sobre este espaço, Maria Helena Weber reflete a articulação entre política e editorial:

Pode-se dizer que a receptividade à informação política é maior quando estabelecida no modo da sensação e da semântica de uma linguagem previamente conhecida. Isto significa que o espetáculo político editorial é a mais eficaz e privilegiada instância

<sup>7</sup> RIBEIRO, Daiane; FOSSÁ, Maria. O discurso jornalístico autorreferencial como estratégia de construção da ‘imagem de si’. *Estudos em Jornalismo e Mídia*, Vol. 8, Nº 2, Jul/Dez, 2011, p. 351.

<sup>8</sup> LOPES, Fernanda. *Auto-referência, discurso e autoridade jornalística*. BOCC, 2007, p. 3. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/>.

que a política pode obter: contém pergunta, resposta, pressuposição, satisfação, omissão, silêncio, dúvidas e o próprio destinatário. (WEBER, 2000, p. 35)

De fato, no editorial com frequência encontramos estes elementos, um problema com resposta, com grande chance de identificação por parte do leitor. Em geral, o editorial trata de problemas nacionais de forma generalizada, num discurso de fácil identificação geral, e sempre apontando a democracia orgânica e o integralismo como soluções dos problemas. Em certos momentos, a palavra é direcionada diretamente ao leitor “Compete a nós, pregoeiros da Boa Nova, continuar a caminhada. Para isso, precisamos do seu constante apoio e da sua generosa compreensão, caro amigo, irmão e patrício!” (A VOZ DO OESTE, 1992c, p. 2). Em 1992 o editorial divulgou que o jornal abriria espaço para propaganda política de candidatos, selecionados “criteriosamente”, com o objetivo de “estimular o eleitorado, fazendo-o votar conscientemente, mas votar mesmo” (A VOZ DO OESTE, 1992d, p. 2). Durante o pleito de 1996 (A VOZ DO OESTE, 1996c, p. 4), o jornal publicou a lista com todos os candidatos a prefeito e vereador, mas destacou determinados nomes em negrito. Dentre estes, alguns que tiveram propaganda no jornal no decorrer da campanha.

O que o jornal estava fazendo era, efetivamente, selecionar segundo seu julgamento os candidatos “votáveis” para os leitores. Como foi destacado anteriormente, o neointegralismo não estava organizado como partido, mas isso não impedia grupos ou militantes de se associar ou apoiar outros grupos. Neste sentido, *A Voz do Oeste* tentava convencer os militantes a juntar forças com outros movimentos e partidos, e demonstrava ter consciência da fragilidade do integralismo afirmando que “infelizmente, a calúnia e a infâmia ficaram e será difícil extirpá-las do meio estudantil” (A VOZ DO OESTE, 1995c, p. 2). Propunha que os integralistas e movimentos baseados na Doutrina Social Cristã como o Circulismo, “o PSC, Social-Cristão, o PS Solidarista e talvez até o PL, de Álvaro Valle, que é um líder cristão verdadeiro” (A VOZ DO OESTE, 1995c, p. 2) se unissem.

Mais adiante, no editorial do número 70, cujo título é alusivo a essa questão “Trabalhadores cristãos, uni-vos!” (A VOZ DO OESTE, 1996c, p. 2), o editor chegou a chamar o solidarismo cristão de uma “terceira via” entre o capitalismo e o socialismo. Citou novamente os movimentos que poderiam se unir e sugeriu o lançamento em conjunto de um Manifesto à Nação “pela mudança de mentalidade, pela Educação, pela volta da Moral e do Civismo, pela defesa dos direitos do homem, pelo cumprimento das leis [...], pela restauração

nacional, promovendo palestras e cursos de formação política e religiosa” (A VOZ DO OESTE, 1996c, p. 2).

Essa posição adotada pelo jornal não se repetia nos outros periódicos integralistas do período. Ainda que tenha ocorrido uma aproximação com outros grupos, *A Voz do Oeste* tentou promovê-la de forma mais enfática e explícita. Na prática, não houve um consenso sobre um partido para congregar os integralistas, mas adesões pontuais. O jornal apoiou candidatos a prefeito e vereador de diversos partidos como o PRN (Partido de Reconstrução Nacional), PDT (Partido Democrático Brasileiro), PTB (Partido Trabalhista Brasileiro), PSL (Partido Social Liberal), PSDB (Partido da Social Democracia Brasileira), e até mesmo o PT (Partido dos Trabalhadores). O período de eleições era ainda mais favorável para inserir o Integralismo como força de mudança e solução no discurso do jornal:

Despertemo-nos. Somos municipalistas e a Nação é o conjunto de cidadãos de cada comunidade, nas associações de bairros, nos sindicatos, nos clubes culturais e recreativos, nas igrejas... Num sistema mais sério, como na Democracia Orgânica, teríamos verdadeiros representantes populares e conhecedores de seus problemas... Os verdadeiros patriotas devem, sem hesitação, cerrar fileiras conosco nessa batalha decisiva para reconstruir a Nação, a ordem, a moralidade pública, a disciplina e a dignidade! A Ação Integralista Brasileira está renascendo para empunhar essa bandeira. (A VOZ DO OESTE, 1992e, p. 2)

Próximo ao final da campanha de 1994, o editorial lamenta a atitude das pessoas frente às pesquisas de voto “os embates eleitorais se transformaram em ‘verdadeiras corridas de cavalo’, porque o povão, iludido, olha para os resultados das ‘pesquisas’ e vai descartando alguns que teriam tanta competência quanto o 1º ou 2º colocados”, para no final reforçar o “candidato de nossa preferência a deputado federal” (A VOZ DO OESTE, 1994c, p. 2). Após o resultado a atitude foi de cobrança à população da cidade, com um editorial intitulado “Onde está a união linense?” o jornal demonstra sua decepção com a votação para deputados federais e estaduais “quando muitas cidades menores conseguem eleger deputados estaduais e federais, nós continuamos a lamentar o resultado dos prélios eleitorais...” (A VOZ DO OESTE, 1994d, p. 2).

Em 1997, o jornal informa a posse da nova prefeita, e se coloca como tendo o dever de “ouvir a opinião pública e assegurar-lhe o cumprimento do programa apresentado pela candidata... afinal, como leigos engajados nas pastorais da Igreja Católica, prometemos colaborar nessa administração e fiscalizar o seu andamento” (A VOZ DO OESTE, 1997a, p. 2). Aqui demonstra novamente a posição que toma para si de agente fiscalizador do poder público a serviço da população.

“Desfilavam as escolas com seus uniformes e bandeiras impecáveis, com muito garbo e civismo”, lembra o editor sobre os desfiles de 7 de setembro na sua juventude. Mas as memórias relatadas no editorial servem para demonstrar a falta, no pensamento do editor, do civismo na vida da população: “Hoje, o desfile mudou muito; as coisas em geral mudaram, é claro, tinham que mudar. Mas o civismo, chama patriótica de um povo, não pode fraquejar. Requer-se mais denodo em ativá-lo, reativá-lo” (A VOZ DO OESTE, 1995b, p. 2).

A educação foi tema tratado sob aspectos diversos, e a falta de algo considerado essencial para a sociedade foi abordada novamente, desta vez referiu-se a um elemento concreto nas escolas, as disciplinas:

[...] foram eliminadas as disciplinas mais úteis e necessárias à compreensão da cidadania. Afinal, perdemos nessa metade do século os ensinamentos de Civilidade, de Moral e Civismo e de Religião, um tripé que sustentava a formação da juventude. O que aconteceu então? Além de perdermos o lado positivo de educação para a vida, ganhamos os canais de televisão, as revistas sem nenhum controle moral, provocando a licenciosidade incontrolável que vemos por aí. (A VOZ DO OESTE, 1996, p. 2)

O editor vinculava uma boa educação às disciplinas de religião e educação moral e cívica instituída em 1969. Assim como sua posição sobre a moralidade, suas referências pareciam estar num passado onde o estado determinava o que era moral e de “bom tom” para circular na sociedade. Sua atuação por um maior controle da programação televisiva endossava essa perspectiva.

O Jornal foi capaz de se inserir na cidade e permanecer ativo por mais de uma década, com assinantes, distribuição em bancas e grande carga de anúncios. Conjugando a militância integralista com a dinâmica da cidade, se coloca a serviço da população em diversas situações. Desde os plantões de farmácias - onde posteriormente também é incluída lista das padarias da cidade - até a fiscalização do poder público. Sua “missão auto-imposta” incluiu, na prática, versar sobre as práticas cotidianas básicas dos leitores e ditar os sentimentos sobre a pátria, infiltrando-se no íntimo e secreto - o voto.

Também foi abordado o que era uma atitude moral e correta, dentro e fora de casa, reivindicando uma tomada de atitude não só do poder público, mas também da população. Sem dúvida houveram outras questões às quais o jornal se dedicou, interferiu e reclamou na década estudada. E percebe-se a convergência de algumas demandas expostas pelo editor com temas que reaparecem na atualidade política - moralidade, sexualidade, educação, etc. Menos

por força do neointegralismo e mais pela afluência de determinados pontos de consenso de diversos grupos de direita. Mas esse tema exigiria outro estudo para ser melhor desenvolvido.

Essas ações mostram que *A Voz do Oeste* interpretava sua função no cotidiano da cidade buscando uma posição de autoridade para versar sobre as práticas diárias dos moradores. Ainda que o integralismo não tivesse inserção social, a relação que o jornal estabeleceu com a religiosidade e o apoio a candidatos de outros partidos procurava superar esse déficit. Observa-se a apropriação da condição à qual Lüdtke se refere, em que, consciente de sua posição o jornal atuou na cidade almejando um futuro em que a ideologia integralista tivesse mais força.

*A Voz do Oeste* não resistiria muito tempo após a virada do século. Se por declínio de anunciantes, ou redução da aceitação do público às ideias do editor, por falta de forças deste para mantê-lo ou ainda por outro motivo, não podemos precisar. Ainda há muito a ser investigado, mas ao menos algumas ideias foram lançadas para compreender a atuação deste jornal e uma faceta do neointegralismo nos anos 90.

## FONTES

ÁVILA, Rufino Levi de. **Memórias de um ex-seminarista**. Belo Horizonte: Gráfica O Lutador, 2011.

A Voz do Oeste, Lins, Nº 22, Abr, 1992a  
A Voz do Oeste, Lins, Nº 24, Jun, 1992b  
A Voz do Oeste, Lins, Nº 25, Jul, 1992c  
A Voz do Oeste, Lins, Nº 26, Ago, 1992d  
A Voz do Oeste, Lins, Nº 28, Out, 1992e  
A Voz do Oeste, Lins, Nº 29, Nov, 1992f  
A Voz do Oeste, Lins, Nº 30, Nov, 1992g  
A Voz do Oeste, Lins, Nº 31, Jan/Fev 1993a  
A Voz do Oeste, Lins, Nº 32, Mar, 1993b  
A Voz do Oeste, Lins, Nº 34, Mai, 1993c  
A Voz do Oeste, Lins, Nº 36, Jul, 1993d  
A Voz do Oeste, Lins, Nº 37, Ago, 1993e  
A Voz do Oeste, Lins, Nº 38, Set, 1993f  
A Voz do Oeste, Lins, Nº 42, Jan, 1994a  
A Voz do Oeste, Lins, Nº 44, Abr, 1994b  
A Voz do Oeste, Lins, Nº 50, Out, 1994c  
A Voz do Oeste, Lins, Nº 51, Nov, 1994d  
A Voz do Oeste, Lins, Nº 57, Jun, 1995a  
A Voz do Oeste, Lins, Nº 60, Set, 1995b  
A Voz do Oeste, Lins, Nº 62, Nov, 1995c  
A Voz do Oeste, Lins, Nº 65, Mar, 1996a  
A Voz do Oeste, Lins, Nº 68, Jun, 1996b  
A Voz do Oeste, Lins, Nº 70, Ago, 1996c  
A Voz do Oeste, Lins, Nº 75, Jan/Fev, 1997a  
A Voz do Oeste, Lins, Nº 81, Ago, 1997b  
A Voz do Oeste, Lins, Nº 82, Set, 1997c  
A Voz do Oeste, Lins, Nº 91, Jul, 1998  
A Voz do Oeste, Lins, Nº 100, Mai, 1999a  
A Voz do Oeste, Lins, Nº 104, Set, 1999b  
A Voz do Oeste, Lins, Nº 103, Ago 1999c  
A Voz do Oeste, Lins, Nº 105, Out, 1999d

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁICAS

ALBISTUR, Gerardo. Cotidianidad y proyecto político. Una perspectiva de estudio de la modernidad en la dictadura uruguaya. 1973-1984. **Revista Eletrônica da ANPHLAC**, N. 18, Jan./Jun., 2015.

CALDEIRA NETO, Odilon. Neointegralismo e as direitas brasileiras: entre aproximações e distanciamentos. **Locus: revista de história**, Juiz de Fora, v.18, n.1, p. 147-165 2012.

COELHO, Teixeira. **A cultura e seu contrário**: cultura, arte e política pós-2001. São Paulo: Iluminuras : Itáu Cultural, 2008.

GONÇALVES, Leandro Pereira. A intelectualidade integralista: nacionalismo e identidade na literatura de Plínio Salgado. **Locus: revista de história**, Juiz de Fora, v. 15, n. 1 p. 111-128, 2009.

LIPPMANN, Walter. **Opinião pública**. 2. ed. Petrópolis, RJ : Vozes, 2010.

LOPES, Fernanda. **Auto-referência, discurso e autoridade jornalística**. BOCC, 2007. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/>.

LÜDTKE, Alf. De los héroes de la resistencia a los coautores. «Alltagsgeschichte» en Alemania. **Ayer - Revista de História Contemporânea**, nº19. Madrid, 1995.

MADEIRA, Rafael Machado; QUADROS, Marcos Paulo dos Reis. Da "direita envergonhada" às bancadas "evangélica" e "da bala": os caminhos da representação política do conservadorismo no Brasil. **Encontro Anual da Anpocs**, 41, 2017, Caxambu-MG, Anais..., Caxambu-MG: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, 2017. Disponível em: <<https://www.anpocs.com/index.php/papers-40-encontro-2/gt-30/gt05-28/10637-da-direita-envergonhada-as-bancadas-evangelica-e-da-bala-os-caminhos-da-representacao-politica-do-conservadorismo-no-brasil/file>>.

MARTINS, Luis Carlos Passos. Cidades representadas: uma reflexão acerca dos estudos sobre imprensa e cidade no Brasil do pós-guerra. **História: Debates e Tendências**, v. 16, n. 2, jul./dez. 2016, p. 393-407.

RIBEIRO, Daiane; FOSSÁ, Maria. O discurso jornalístico autorreferencial como estratégia de construção da 'imagem de si'. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Vol. 8, Nº 2, Jul/Dez, 2011.

SCHUDSON, Michael. **Descobrimo a notícia**: uma história social dos jornais nos Estados Unidos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

TRINDADE, Hégio. **Integralismo**: o fascismo brasileiro na década de 30. São Paulo: Difusão Européia do livro; Porto Alegre: UFRGS, 1974.

VAINFAS, Ronaldo. História da vida privada: dilemas, paradigmas, escalas . **Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material**, São Paulo, v. 4, n. 1, p. 09-27 , jan. 1996.

WEBER, Maria Helena. **Comunicação e espetáculos da política**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000.

\*\*\*

Artigo recebido em março de 2018. Aprovado em junho de 2018.